

## Alinhavando as memórias: a apropriação do vestuário como objeto de recordação

Laiana Pereira da Silveira, UFPel<sup>1</sup>

### Resumo

Este estudo tem por objetivo evidenciar a importância do vestuário como um objeto que atinge diretamente a ação da recordação através de três formas distintas: a presença da peça de vestuário; algo que possa representar a peça, como uma fotografia; ou da lembrança da peça, como um retalho de tecido. Para comprovar esta investigação, apropriou-se dos conceitos de autores fundamentais para tanto da área da memória social quanto da cultura material e da moda, que pudessem servir como base para esta comprovação. Sendo esta uma pesquisa que faz parte da fase inicial da dissertação da autora, contou-se como procedimento metodológico para o seu desenvolvimento, a elaboração de uma revisão bibliográfica, servindo como suporte inicial para algumas indagações desta pesquisa, e trazendo em seus resultados parciais as reflexões surgidas sobre os conceitos abordados.

**Palavras-chave:** Vestuário; Memória social; Cultura material.

### Abstract

This study aims at highlighting the importance of clothing as an object that directly affects the action of remembering through three distinct forms: the presence of the garment; something that can represent the piece, like a photograph; or the memory of the piece, like a scrap of fabric. To prove this investigation, the concepts of fundamental authors were used for both the area of social memory and material culture and fashion, which could serve as a basis for this verification. This being a research that is part of the initial phase of the author's master thesis, a methodological procedure for its development was considered, together with the elaboration of a bibliographic review, serving as initial support for some questions of this research, and bringing in its partial results the reflections on the concepts addressed.

**Keywords:** Clothing; Social memory; Material culture.

### Considerações iniciais

A atual pesquisa, de caráter inicial, busca apresentar o estudo que está sendo desenvolvido para a dissertação do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, da Universidade Federal de Pelotas. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Estudos relacionados ao vestuário possibilitam cada vez mais visualizá-la como uma ciência multidisciplinar, contribuindo para diversas áreas do campo do saber como sociologia, filosofia, economia, história, tecnologia, antropologia, psicologia, design, patrimônio entre

---

<sup>1</sup> Mestranda (bolsista CAPES) em Memória Social e Patrimônio Cultural – UFPel, graduada em Design de Moda – IFSul e técnica em Vestuário – IFSul. Contato: laianasilveira@gmail.com.

outras. É possível notar essa diversidade ao longo do trabalho, o alinhavo realizado através da abordagem dos conceitos de pesquisadores de outros campos do saber.

Mas porque estudar sobre o vestuário? A pesquisadora em história da moda e museologia Michelle Benarush (2012) afirma que:

As roupas são fontes primárias; são, em si, o objeto de estudo. Só a roupa revela detalhes da construção, do tecido e da técnica, assim como a tecnologia envolvida na sua produção. A interpretação das roupas é um trabalho analítico que envolve uma descrição minuciosa das formas, estilos, qualidade, materiais, usuários e prováveis ocasiões nas quais foi usada. As roupas materializam um tempo passado, dão-nos uma noção ideológica de sua cultura e representam a sociedade que as criou e que as vestiu (BENARUSH, 2012, p. 114).

Nota-se que o vestuário<sup>2</sup> está presente diariamente na vida da sociedade, fazendo parte de todos os momentos vivenciados pelo indivíduo, sejam eles bons ou ruins. Quando ela entra em desuso da sua função utilitária e não é descartada, passa a servir como um objeto de suporte para a memória propriamente dita (CANDAU, 2019). O antropólogo Joel Candau (2019) conceitua:

A memória propriamente dita ou de alto nível, que é essencialmente uma memória de recordação ou reconhecimento: evocação deliberada ou invocação involuntária de lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma memória enciclopédia (saberes, crenças, sensações, sentimentos, etc). A memória de alto nível, feita igualmente de esquecimento, pode beneficiar-se de extensões artificiais que derivam do fenômeno geral da expansão da memória (CANDAU, 2019, p. 23).

É possível compreender os objetos que compõem o vestuário, sejam eles de superfícies têxteis ou não – calçados, acessórios, joias – como objetos auxiliares à memória de recordação, muitas vezes exatamente da forma que o autor se refere, como “invocação involuntária de lembranças autobiográficas” (CANDAU, 2019).

Neste estudo serão abordadas três maneiras possíveis de utilizar estes objetos como evocadores e/ou invocadores de memória. Primeiro seria apropriando-se do objeto em questão, por exemplo, uma blusa que foi usada numa data comemorativa, à segunda forma é através da representação do objeto, poderia ser uma foto do indivíduo utilizando a blusa, e a última maneira é através de suas lembranças<sup>3</sup>.

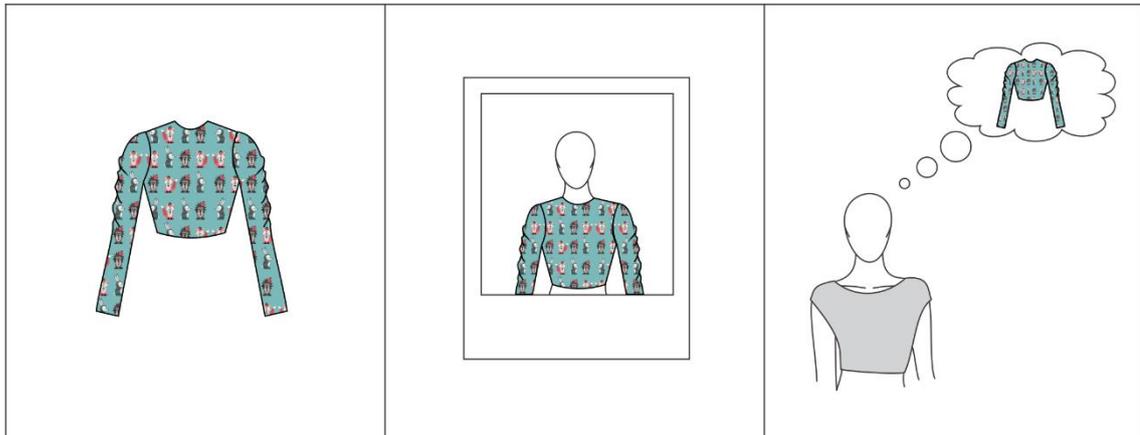
---

<sup>2</sup> “O vestuário é um conjunto formado pelas peças que compõem o traje e por acessórios que servem para fixá-lo ou complementá-lo” (NACIF, 2007, p.1).

<sup>3</sup> Ou seja, da presença do ausente (RICOEUR, 2007, p. 28).

É possível visualizar os três exemplos de forma distinta através da figura 1, onde foi desenvolvido pela autora um esquema visualmente explicativo, que no primeiro quadro há a representação da própria blusa, no segundo quadro há a representação da fotografia da blusa, e no último quadro há uma pessoa pensando na blusa.

Figura 1 - As três formas de utilizar o vestuário como evocador de memória



Fonte: construído pela autora (2020).

Quanto aos dois primeiros exemplos representados, o professor Marcus Dohmann (2010) considera que:

Objetos ou coisas sempre remetem a lembranças de pessoas ou lugares, desde uma fotografia até um simples adereço corporal. Os objetos nos conectam com o mundo. Mostram-se companheiros emocionais e intelectuais que sustentam memórias, relacionamentos; além de provocar constantemente novas ideias (DOHMANN, 2010, p. 72).

Portanto, através destas três formas de se apropriar do vestuário, o passado já ausente, torna-se presente pela interação indivíduo-objeto. No primeiro caso a ser observado, quando o indivíduo ainda possui o objeto original, e atribui valor afetivo ao mesmo, deixando de lado o valor monetário e desativando sua função utilitária, ele acaba por se tornar um objeto semióforo.

De acordo com a classificação de objetos do filósofo e historiador Krzysztof Pomian (1984), semióforos são “objetos que não tem utilidade, no sentido que acaba de ser precisado, mas que representam o invisível, são dotados de um significado; não sendo manipulados, mas expostos ao olhar, não sofrem usura” (POMIAN, 1984, p.71), ou seja, a blusa que ainda poderia ser utilizada como blusa, mas não é mais, por questões afetivas.

Vale ressaltar a importância que as marcas do tempo cravejadas nos objetos até certa altura de sua vida útil possuem. O professor e antropólogo Octave Debary (2010) explica que “os sinais de alterações em um velho objeto (pátina, deformação, desgaste...) causados em

razão de sua história, garantem a ele sua singularidade” (DEBARY, 2010, p. 27). A mesma reflexão é trazida pelo professor Peter Stallybrass (2008):

Na linguagem das pessoas que trabalhavam com confecção e conserto de roupas, no século XIX, os puídos nos cotovelos de uma jaqueta ou numa manga eram chamados de "memórias". Esses puídos lembravam o corpo que tinha habitado a vestimenta. Eles memorizavam a interação, a constituição mútua, entre pessoa e coisa (STALLYBRASS, 2008, p. 65).

É possível destacar que, a peça de vestuário considerada um evocador de memória para o indivíduo, pode ter sido usada pelo mesmo, ou ter sido adquirida pelo ato do compartilhamento entre seu círculo social, normalmente esta passagem ocorre entre familiares ou até mesmo entre amigos, como é o caso relatado por Stallybrass (2008) ao ter herdado a jaqueta do amigo – Allon – após seu falecimento.

Jaqueta esta que havia sido comprada em uma loja de objetos usados, e a única informação que existia sobre a trajetória da peça até Allon comprar, era uma etiqueta que havia na parte interna e dizia “fabricado expressamente para Turndof. Por Di Rossi. Costurado a mão” (STALLYBRASS, 2008, p. 9).

São evidentes os elementos conhecidos da trajetória da jaqueta, quem a produziu e para quem ela foi desenvolvida, o que é desconhecido para Allon e o autor, foi o período utilizado por Turndof e porque se desfez da jaqueta. A partir do momento que Allon compra ela em uma loja de objetos usados, apropria-se da peça, dando-lhe novos capítulos a serem vivenciados pela jaqueta, que serão chamados de memória, através da produção de novas marcas do tempo. É como se outra cronologia inicia-se ali para o objeto, junto ao seu novo dono.

O antropólogo Igor Kopytoff (2008) ressalta que os objetos são passíveis de sua própria biografia, as coisas, os objetos, as peças de vestuário possuem sua própria trajetória, sua própria história. Mas essa biografia poderá estar sendo apresentada de forma parcial, pelo fato de que na maioria dos casos, o consumidor final não tem acesso a quem produz o objeto. Dificilmente três categorias de indivíduos como o produtor, o comerciante e o consumidor final, entrarão em contato direto.

Alinhavando com o conceito que Kopytoff (2008) traz, Benarush (2012) evidencia que “assim como as pessoas, as roupas possuem uma identidade cultural, social, nacional, e são testemunho de sua época”, aqui se inclui também a importância do vestuário como documento auxiliar na construção da história pública e acervos de museus, mas este aprofundamento ficará para uma próxima pesquisa.

Analisando as abordagens de Kopytoff (2008) e Benarush (2012), Stallybrass consegue identificar que conhecia parcialmente a biografia da jaqueta quando a herdou, visto que ele havia acompanhado a relação indivíduo-objeto/Allon-jaqueta, mas a partir desse momento, a jaqueta teria um novo usuário, vivenciaria momentos como outro dono, e adquiriria novos puídos para chamar de memória.

Benarush (2012) também relata que “a roupa, quando vira memória, evidencia trajetórias cotidianas e propõe reflexões próprias que podem e devem ser comparadas às suas representações textuais e imagéticas” (BENARUSH, 2012, p.115). Compreende-se como uma peça de vestuário pode ter inúmeras histórias para contar, criando sua própria linha do tempo, paralelamente a linha do tempo de cada dono a utilizou.

E como elas podem fazer presente alguém que está ausente? As peças de vestuário de um indivíduo, assim como os demais objetos pertencentes a ele, são a forma dele ocupar um espaço, estar presente mesmo sem sua presença. E Stallybrass (2008) confirma essa hipótese através de sua experiência pessoal:

Se eu vestia a jaqueta, Allon me vestia. Ele estava lá nos puimentos do cotovelo, puimentos que no jargão técnico da costura são chamados de "memória". Ele estava lá nas manchas que estavam na parte inferior da jaqueta; ele estava lá no cheiro das axilas. Acima de tudo, ele estava lá no cheiro [...] a roupa é um tipo de memória. Quando a pessoa está ausente ou morre, a roupa absorve sua presença ausente. (STALLYBRASS, 2008, p. 10-14).

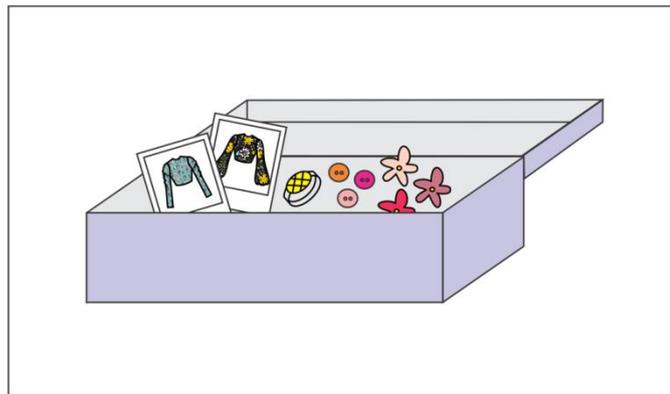
Logo, a forte presença do ausente, estava marcada não só pelos puimentos da jaqueta, mas principalmente pelo cheiro deixado nela. Fica evidente como não seria a mesma experiência caso o autor comprasse uma jaqueta igual a do amigo para poder lembrar-se dele, essa nova peça não teria marca alguma, e como suporte de memória de nada valeria. Aqui, é importante ressaltar que além da visualidade, os outros quatro sentidos do corpo humano também auxiliam na recordação de memórias, cada um agindo de uma forma específica.

A segunda forma que seria através da representação do vestuário, poderia ter como suporte uma fotografia, um pedaço do tecido, algum aviamento semelhante ao original, como fitas ou botões. Há quem ainda utilize de suportes de memória como álbuns fotográficos, como ritual de lembrança quando estão em reuniões familiares, comumente ao olharem certas fotografias, surgem comentários como “lembra-se de tal dia, que aconteceu tal coisa, quando estavas usando tal vestido”, são esses tipos de comentários que confirmam cada vez mais a importância de como o vestuário age diretamente nas recordações.

Além dos álbuns de fotografia, existe outro suporte fortemente carregado de memórias, intitulado “caixas de memórias”, a historiadora Olívia Nery et al (2015) define caixas de memórias como “lugares como gavetas, caixas, álbuns e diários, que possuem objetos, fotografias e uma variedade de coisas como cartas, bilhetes, diários, entre outros” (NERY et al., 2015, p. 43), como se fosse uma caixa com os resquícios das memórias.

Na figura 2 pode-se visualizar uma ilustração básica de um tipo de caixa de memória, onde constam fotografias, acessórios, botões, flores. Poderia conter tantas outras coisas como pedaços de tecidos, aviamentos, papéis.

Figura 2 - Ilustração de um tipo de caixa de memória



Fonte: construído pela autora (2020).

São nesses lugares que estão muitas relíquias do indivíduo, geralmente objetos que fazem parte das caixas de memórias, não ficam expostos, pelo contrário, ficam muito bem guardados, para que não haja o perigo de se perder ou estragar. Bem como Nery et al (2015) comenta “nesse sentido, todos os objetos, em especial aqueles que possuem uma relação mais afetiva com o seu dono e representam algo mais simbólico do que simplesmente peças, podem ser entendidos como documentos, objetos biográficos, narradores e suportes de memória” (NERY et al., 2015, p. 44).

Não há restrições para os objetos que irão compor esta caixa, ela é criada muitas vezes de forma involuntária, naquele lugar aonde as pessoas vão depositando o bilhete do cinema, o ticket do museu, a lembrancinha de um aniversário, um convite de casamento, e quando vê o indivíduo criou sua caixa de memória e tornou o guardião desses objetos que possuem significado, que marcaram algum momento especial, e que ao serem vistos, trazem boas lembranças. Nery et al. (2015) complementa que:

Não é um apego material, mas simbólico, de objetos com fortes cargas memoriais que serviram, e ainda servem, de lugares de memória<sup>4</sup> dentro das famílias às quais pertencem, fazendo parte da identidade de seus membros que têm a prática de salvaguardar tais peças (NERY et al., 2015, p. 44).

A esta altura, é possível compreender quando ficamos sabendo de alguns objetos que estão guardados há muito tempo por alguém próximo, e que sem o conhecimento dos conceitos anteriores, talvez não fizesse muito sentido, porém, daqui pra frente será mais fácil de entender quando alguém mostrar ou falar de um brinco que guarda apesar de ter perdido o outro par, um botão que caiu e não voltou para o lugar, todos eles podem ter se tornado semióforos para seus guardiões.

E finalmente, a terceira e última maneira de usar um objeto de vestuário como evocador de lembranças. Essa é a forma não visível para todos, que é relatada por quem rememora o momento vivenciado com a peça, onde fica evidente o valor afetivo do objeto através da história oral<sup>5</sup>, em rodas de conversas, encontros casuais, momentos em família onde há relatos de momentos vividos, depoimentos que servirão como dados científicos, ou de forma individual no ato de lembrar.

Isso pode ocorrer quando alguém se desfaz de uma peça muito especial, seja através de doação, perda, deterioração ocasionada pelo tempo, independente da causa, não sobrou nenhum botão para contar história – ou para guardar na caixa de memórias – nem ficou registrado por meios fotográficos, logo, só quem vivenciou o momento, usando a peça de vestuário ou observando quem estava usando, é que mantém esse registro marcante na memória.

Candau (2019) comenta que “quando uma representação mental é comunicada de um indivíduo a outro – a maior parte permanece própria a um indivíduo – ela se transforma em representação pública” (CANDAU, 2019, p. 37), é possível compartilhar o que se foi lembrado, porém, o ouvinte jamais vivenciará essa lembrança. Cabe à imaginação se apropriar do relato e dar forma a ele.

Com relação a mais de uma pessoa compartilhar do mesmo momento, é possível reconstruir o que foi vivenciado, detalhando de forma mais rica e completa, através de dois ou mais relatos, principalmente pelo de que cada indivíduo terá uma visão diferente, por ter tido

---

<sup>4</sup> Os lugares de memória são, antes de tudo, **restos**. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora (NORA, 1993, p. 13).

<sup>5</sup> A história oral é uma história construída em torno de pessoas (THOMPSON, 1992, p. 44).

uma experiência diferente, e o local que ele visualizou o momento com o objeto, não foi o mesmo local de outro indivíduo do mesmo grupo.

Candau (2019) para explicar isso, traz as análises de Leach quando fala “que dois observadores não compartilhem jamais a mesma experiência” (LEACH *apud* CANDAU, 2019, p. 36) e Barth quando observa que “nada indica que duas pessoas produzam a mesma interpretação do mesmo acontecimento” (BARTH *apud* CANDAU, 2019, p. 36), e complementando a linha de raciocínio, Candau traz a ideia de Russel afirmando que “não há absolutamente nada que seja visto por dois espíritos simultaneamente” (RUSSEL *apud* CANDAU, 2019, p. 36).

Quando um ou mais indivíduo de uma mesma família se recordam da peça de vestuário, Candau (2019) apropria-se da observação de Halbwachs que menciona “o conjunto de lembranças que compartilham os membros de uma mesma família” (HALBWACHS *apud* CANDAU, 2019, p. 137). Classificando também como memória coletiva “uma forma de metamemória<sup>6</sup>, quer dizer, um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo” (CANDAU, 2019, p. 24).

Dessa forma, fica evidente que na última maneira de utilizar o vestuário como forma de recordação, que seria através da lembrança da pessoa com relação ao objeto, há dois caminhos a serem considerados, os relatos de forma individual, quando só uma pessoa vivenciou e pode se lembrar de algo, e os relatos de forma coletiva, produzindo formas diferentes de recriar o momento recordado, quando dois ou mais indivíduos vivenciaram o momento, sejam eles pertencentes a um grupo familiar, grupo de amigos ou outro tipo de grupo que os unam.

### **Considerações finais**

A partir das reflexões trazidas e exemplificadas de três formas diferentes ao decorrer do texto, trazendo autores de diversas áreas da ciência e relacionando os conceitos abordados, foi possível compreender sobre o amplo universo que o campo do vestuário envolve e a maneira de que ele se encaixa nessa multidisciplinaridade.

Ficou evidente a sua relevância perante a sociedade com o papel de objeto evocador de memórias, por ser um objeto presente diariamente na vida do indivíduo desde o seu

---

<sup>6</sup> Representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, o conhecimento que tem dela e, de outro, o que diz dela (CANDAU, 2019, p. 23).

nascimento até a sua morte. Foram observadas as formas de evocações, sendo através da presença da peça de vestuário, de algo que possa representar a peça ou da lembrança dela.

Lembrando que a peça de vestuário pode estar em perfeito estado de conservação ou com marcas do tempo – consideradas parte da sua história, as memórias – a peça pode estar em uso ou não possuir mais sua função utilitária ativada para não ter perigo de desgastar, a segunda maneira através da representação que pode ser feita por qualquer aviamento, fotografias, entre outros suportes materiais, e a lembrança que pode ser tanto de forma individual quanto de forma coletiva.

Este estudo explica brevemente o significado que as pessoas atribuem a certos elementos e porque costumam guardá-los, dentre eles, ficou claro dois tipos de objetos, os que não possuem mais utilidade e mesmo assim tem lugar garantido na caixa de memórias de seus guardiões, e os objetos que ainda possuem utilidades, mas por serem tão importantes, seus donos não se arriscam mais a utilizá-lo, com certo receio de que aconteça algo e possa danificá-lo, vale ressaltar que este tipo de classificação pode ser utilizada além do campo do vestuário.

### Referências Bibliográficas

- BENARUSH, Michelle Kauffmann. A memória das roupas. **Revista Dobra[s]**. São Paulo: v. 5, n. 12, 2012. p. 113-117.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução Maria Leticia Ferreira. – 1. Ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.
- DEBARY, Octave. Segunda mão e segunda vida: objetos, lembranças e fotografias. **Revista Memória em rede**. Pelotas: v. 2, n. 3, ago./nov. 2010. p. 27-45.
- DOHMANN, Marcus. O objeto e a experiência material. **Revista Arte & Ensaio**. Rio de Janeiro: n. 20, jul. 2010. p. 70-77.
- KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Tradução Agatha Bacelar. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008, p. 89-123.
- NACIF, Maria Cristina Volpi. O vestuário como princípio de leitura do mundo. In: XXIV Simpósio Nacional de História – ANPUH, 24., 2007, São Leopoldo. **Anais [...]**. São Leopoldo: UNISINOS, 2007. p. 1-10.
- NERY, Olivia Silva et al. Caixas de memórias: a relação entre objetos, fotografias, memória e identidade ilustradas em cenas da ficção. **Revista Ciências Sociais Unisinos**. São Leopoldo, v. 51, n. 1, jan/abr. 2015. p. 42-51.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. **Revista Projeto História**. São Paulo: v. 10, jul./dez. 1993. p. 7-28.
- POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: **Enciclopédia Einaudi**. Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984, p. 51-86.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François [et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**: roupa, memória, dor. Tradução Tomaz Tadeu. – 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.